

A necessidade da revolução democrática para uma nova ordem social

Paulo Alves de lima Filho¹

266

Resumo

Somente uma revolução democrática permitirá a conquista da plena soberania econômica e política da nação. Por força da particularidade capitalista desta, ela será necessariamente anticapitalista, abrindo-se para um processo de superação do capital, como transição comunista.

Palavras-chave: revolução; independência nacional; transição comunista.

Resumen

Solo una revolución democrática permitirá el logro de la plena soberanía económica y política de la nación. Por su particularidad capitalista, será necesariamente anticapitalista, abriéndose a un proceso de superación del capital, como transición comunista.

Palabras clave: revolución; independencia nacional; transición comunista.

Abstract

Only a democratic revolution will allow the achievement of the nation's full economic and political sovereignty. Due to its capitalist particularity, it will necessarily be anti-capitalist, opening itself up to a process of overcoming capital, as a communist transition.

Keywords: revolution; national independence; communist transition.

Estamos diante de uma gravíssima situação nacional.

As esquerdas conservadoras, partícipes do status-quo parlamentar brasileiro, ao não compreenderem ser o próprio capital o agente da demolição nacional em curso, não elegem os trabalhadores como eixo da transformação socioeconômica necessária. Para nós, da democracia radical, ao contrário, é preferível a derrota eleitoral com os trabalhadores

¹ Economista pela Universidade da Amizade dos Povos "Patrice Lumumba" – Moscou - Rússia, doutor em Ciência Política pela PUC-SP. Coordenador Geral do IBEC. palf1951@gmail.com



humilhados e miserabilizados pelo desmonte neoliberal, do que com o abraço com a burguesia criadora deste pandemônio neocolonial que nos avassala. É preciso abrir caminhos para quebrar o círculo vicioso das derrotas e desmanches sucessivos.

São muitas as variantes de democracia à venda, rolando na praça. A finada Nova República, na fase final, experimentou o duopólio PT x PSDB, cujo neoliberalismo social e econômico pretendeu conviver e guiar o melhorismo nos marcos da fúria nacional, sob batuta mundial, do novo capital financeiro. As burguesias vetaram essa democracia melhorista, com ajuda substantiva do poder imperial norteamericano. Executam uma verdadeira revolução na contrarrevolução, realizam as premissas inconclusas do golpe de 1964². Puseram no poder a ultradireita, adepta da democracia restritíssima da autocracia sob jugo plutocrático banqueiro.

A experiência de construção de um capitalismo melhorado sob o império do novo capital financeiro faliu. Em toda a parte, tanto aqui quanto no Chile, é isso o que nos espera. Em toda a América Latina, faliu também similar experiência sob a égide do desenvolvimentismo, entre as décadas de 50 e 70 do sec. XX. O que fazer, então? Quais as novas dificuldades em nosso caminho e que rota seguir doravante?

Os marxistas brasileiros já haviam descoberto, nos anos 60, a impossibilidade, em nossa particularidade histórica - assim como na de todas as ex-colônias ibéricas - de realização da democracia capitalista com soberania econômica e política nacional. Nossas burguesias nunca quiseram isso. Pertencem a um complexo socioeconômico mundial programado para produzir e reproduzir neocolônias.

Somente a expansão, o salto democrático sob a égide dos interesses das maiorias trabalhadoras na construção de novos poderes institucionais nos levará à estabilidade democrática e à plena soberania, com cidadania plena do trabalho frente ao capital. A isso se chama de *revolução democrática*, cerne da tão novamente falada *revolução brasileira*.

Infelizmente, nenhuma das esquerdas conservadoras, da mais à menos civilizada, pensa assim.

² Lima Filho, Paulo Alves. *O desmonte da nação ou a revolução da contrarrevolução*. In: <<https://iela.ufsc.br/noticia/o-desmonte-da-nacao-ou-revolucao-da-contrarrevolucao>>.



Ou seja, ainda estaremos por longo tempo sujeitos aos sucessivos desmanches promovidos pela contrarrevolução permanente advogada desde sempre por nossas classes proprietárias e seus amos. Sem uma poderosa força da democracia radical, revolucionária, não haverá reconstrução alguma da nação, não quebraremos o encantamento que nos prende à miséria, à dependência neocolonial e à batuta da contrarrevolução³.

Hoje, nestes instantes, todas as forças da democracia conservadora, do derrotado melhorismo mais civilizado até a antidemocracia no poder se organizam para disputar a divisão do orçamento público nas próximas eleições municipais, todas elas solidárias com a alienação política, social e econômica dos trabalhadores como resultado das unânimes reformas capitalistas promulgadas pelo congresso, por iniciativa do executivo.

Todas as forças da democracia conservadora estão unidas em torno de sua nova democracia, advinda dessas reformas exclusivas pró-capital, forma de recriar a inserção neocolonial da nação, ou seja, a destruição desta e sua transformação em espaço de regência exclusiva de classes burguesas neo-vassalas do novo capital financeiro, forma específica de refeudalização capitalista da reprodução social, de neocolonização do país.

Sua nova democracia pressupõe a expulsão dos trabalhadores da arena socioeconômica e política em prol daquilo que, para todas elas, é pressuposto estratégico em maior ou menor grau, as reformas capitalistas exclusivas dos interesses do capital e a inevitável constrição da democracia ao mínimo necessário para o livre negócio dos blocos políticos da ordem.

A liofilização da ultradireita antidemocrática no poder, ora posta em movimento pelos blocos parlamentares políticos maiores do capitalismo, interessa para a absorção vanguarda da ultradireita e seus amos militares,

³ O Partido dos Trabalhadores (PT) lançou, nesta segunda-feira (21), o Plano Nacional de Reconstrução e Transformação do Brasil, em parceria com a Fundação Perseu Abramo (FPA) e a participação de alguns dos principais atores do campo progressista, sejam movimentos e centrais de trabalhadores como CUT, MST, UGT e Força Sindical ou representantes de partidos como PSOL, PDT, PSB e PCdoB. Nas palavras do ex-presidente Lula, “este não é um plano de um partido, é um plano de nação, para as pessoas que não aguentam mais viver do jeito que estão vivendo”, <<https://www.brasildefato.com.br/2020/09/21/o-que-pretende-o-pt-com-o-plano-nacional-de-reconstrucao-e-transformacao-do-brasil>>.



controlando-a para os fins burgueses comuns, como também para a divisão do orçamento público, embora a ultradireita ainda permaneça sendo fonte vital e dinâmica das reformas nacionais necessárias ao capital e sua arquitetura mundial neoliberal.

A grande novidade desta etapa da revolução na contrarrevolução em processo é a fagocitação do polo de vanguarda da ultradireita - o governo e os militares -, pelos grandes blocos da direita revolucionária, o assim chamado Centrão. Pela primeira vez na história pós-ditatorial, com o fim da Nova República, todos os blocos da ditadura se encontram aliados e sob o comando, agora controlado, do executivo emergido dos porões da ditadura e amparado e conduzido pelos regentes daquela, os militares. A Arena e os porões da ditadura guiados por suas forças armadas desdobram-se, solidários, em sua faina coletiva contrarrevolucionária. Se os arroubos golpistas do executivo são assim abafados, isso em nada diminui o ímpeto reformador da contrarrevolução. O projeto radical neoliberal continua seu processo de destruição da nação. Ajudado pela pandemia enfrentada com evidente teor genocida e, agora pelas queimadas arrasadoras e acelerada devastação da Floresta Amazônica, ele dá um novo salto de qualidade.

Os trabalhadores continuam, desse modo, vítimas do círculo vicioso das inevitáveis derrotas sucessivas e dos subsequentes desmanches de suas conquistas em ciclos crônicos de repressão e violência institucional necessários para mantê-los ordeiros e disciplinados em sua avançada miséria e desemprego, em sua acrescida impotência política.

Para além do caráter genocida, ecocida e obscurantista (na versão portuguesa da *intolerância inquisitorial*) da economia política do projeto colonial lusitano, a destruição neocolonial em curso, porém, atropelada pela pandemia, eleva esta sua forma particular a níveis incríveis. Dá-se um salto qualitativo que surpreendentemente nos aproxima da Primeira República, na fronteira do estado colonial, liderado pelo núcleo ditatorial da extrema direita, remanescente da contrarrevolução de 1964, capitaneado pelas FFAA avassaladas, atrás da qual segue o cortejo eufórico das nossas classes proprietárias, classes médias norte americanizadas e seus políticos, a preparar guerra contratada pelos gringos contra a irmã vizinha Venezuela, comprometidas com a guinada geopolítica de sujeição neocolonial do



Brasil⁴. Para tal, inéditas manobras ocorreram agora em setembro, na Amazônia, em treinamento de guerra dos “azuis” contra o inimigo “vermelho”⁵.

Só a revolução democrática abre as portas para a reconstrução nacional e à transição comunista.

A falência do neoliberalismo se escancara na situação chilena. O que ali está na rua gritando, uivando, reiterando seu chamado, no limite de suas forças, é a democracia em pé, dos e para os trabalhadores⁶. Ela é a expressão da real e massiva socialização da política, de reconquista do território nacional parasitado pelo estado e, em nosso caso, também pelas milícias paraestatais de matriz ideológica laica ou religiosa, que permite alcançarmos as demais etapas econômico-sociais da transição. Foi exatamente o que ocorreu, por exemplo, na Rússia, Cuba ou Venezuela – para citar alguns exemplos –, para além de seus percalços naturais, pois o trânsito à democracia anticolonial e anticapitalista conta com uma teia de impasses, desde os teóricos até o cerco implacável do imperialismo e classes nacionais a ele subalternas, que só o tempo, a força da unidade das maiorias trabalhadoras e a emancipação da teoria das malhas das seitas e partidos herdados do século anterior poderão superar.

A revolução democrática é quem abre as portas para a transição a uma nova ordem social, ela é o primeiro passo radical da negação da democracia estreita em que vivemos, da democracia sentada, bem-comportada, conservadora, do e para o capital. Esta democracia faliu, as maiorias ruelas, marchadoras, insubmissas, sublevadas, descobriram seus limites e os denunciam ao mundo, sem medo. É o caso exemplar do Chile, neste ano. A democracia melhorista das radicais reformas ultraliberais da contrarrevolução pinochetista faliu em seu intento de domesticar para todo o sempre os trabalhadores miserabilizados, esmagados pela ditadura formal e real do capital. As raízes insurgentes da classe trabalhadora, educada por Recabarren, rebrotaram com força e viço inauditos, surpreendentes, espetaculares. O bloco chileno da Revolução Democrática está, de fato,

⁴ <<https://theintercept.com/2020/07/31/militares-plano-defesa-ameaca-paz-americasul/>> ; Neto, Manoel Domingos in <<https://aterraeredonda.com.br/o-amparo-militar-a-bolsonaro/>>.

⁵ <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/10/14/exercito-simulacao-guerra-amazonia-venezuela-jornal.htm>>

⁶ Titelman, Noan in <<https://nuso.org/articulo/nova-esquerda-chilena/>>.



negando, subvertendo o sentido original, histórico, desse processo, não expressa a sublevação das ruas⁷.

A revolução democrática é herdeira, antes de tudo, do bloco de forças da democracia radical, contra a ordem do capital. Quando esta última, por várias razões, não tem ou perdeu expressão política, como é o caso dos EEUU, em sua derrota ocorrida em inícios do século XX, determina um transito doloroso dos assalariados pela provação da radical democracia exclusiva do e para o capital, que já dura quase um século. É preciso que se diga que socialistas e comunistas nasceram e existem para e com a democracia radical. Abandona-la implica, com sempre implicou, em somar-se ao bloco melhorista, conservador.

No Brasil, perdeu-se na neblina o bloco da democracia radical, perseguido, caçado, assassinado, incinerado e por fim, em consequência disso e também como fruto de suas inconsistências teóricas, pulverizado nas malhas das forças da democracia conservadora, que ocupa todo o espectro da ordem e vai da autodenominada esquerda civilizada até as franjas da antidemocracia no poder.

Os grupos altamente minoritários, dentro e fora da ordem, através de seus porta-vozes, proclamam a consigna ritual da necessidade imperiosa da revolução socialista como solução de nossos problemas nacionais e mundiais. Contudo, este apelo é equívoco. Ocorre que o socialismo, na conceituação derivada dos fundamentos do marxismo russo e herdada da II Internacional, após a formalização staliniana da revolução bolchevique e, posteriormente, universalizada como verdade incontestada, não passa de uma forma histórica, um nome e um conceito incorreto para um passo incompleto e condenado à não realização da transição ao comunismo.

O que, de fato, importa à maioria trabalhadora e à humanidade, é saber superar o capital antes que ele destrua a vida humana no planeta⁸. Ou seja, o fundamental, para elas, assim como para Marx, é o comunismo, a negação do capital pela realização do poder político das maiorias. Esse sempre foi o nosso programa, do qual nos esquecemos no século XX⁹.

Daí a necessidade de acentuarmos, agora e sempre, o momento da revolução política, ou seja, da revolução democrática, a necessidade de

⁷ Revolução Democrática, bloco parlamentar chileno.

⁸ Marques, Luiz. <<http://revistarosa.com/1/o-colapso-socioambiental-nao-e-um-evento>>.

⁹ Sève, Lucien. Commencer par les fins la nouvelle question communiste Paris, La Dispute, 1999.



transitar da democracia neocolonial do capital – limite histórico da democracia burguesa no vasto mundo ex-colonial – à democracia ampliada, anticolonial, popular, sob controle das maiorias. É uma maneira de escapar ao lugar comum, com fundamento teórico, do termo *socialismo e seus derivados* erigidos pela III Internacional como suposta primeira etapa da transição comunista, que não nos levam a nenhum lugar, a não ser às inevitáveis derrotas, que obscurece o essencial, qual seja, o controle das maiorias sobre o capital e toda a reprodução social, derivado da revolução política necessária e urgente.

Pois o projeto neoliberal, de transição radical ao controle social o mais pleno do capital sobre a reprodução capitalista, é essencialmente antidemocrático, de negação democrática do trabalho na sua nova democracia. Para superá-lo, só com uma democracia das e para as maiorias, contra o capital e o capitalismo como sua forma histórica. Esse é o nervo vital da revolução brasileira.

Mas as eventuais forças e personalidades da democracia radical estão fortemente imantadas a seus nichos conservadores. Notemos que mesmo no Chile, caso extremo de democracia em pé, de universal e reiterada ocupação de ruas, praças e bairros, estas forças e personalidades ainda não iniciaram sua transição ao centro trabalhador sublevado, em grande medida devido ao hábito ideológico consagrado, cristalizado no século XX, de apelação seja à democracia em abstrato, seja ao socialismo, figura retórico-política evanescente já incapaz de empolgar as massas, tal como ocorrera até meados do século XX.

É plenamente justificável que nossos irmãos monoteístas apelem aos seus lugares sagrados identitários, sejam os destroços sobranceiros da fortaleza de Davi, ao Vaticano ou a Meca. Mas os vastos campos da emancipação humana, para a democracia radical, para os revolucionários da democracia das maiorias, estão descortinados no legado da transição comunista teorizado por Marx. Nosso projeto é o comunismo como superação do reino do capital e jamais o muro das lamentações socialistas, teórica e praticamente incapaz de fazer o controle político das maiorias comandar a revolução democrática, aquela que inicia a caminhada rumo à superação do capital.

Recebido em 10 out. 2020 | aceite em 15 out. 2020.

